



Preço médio do álcool é de R\$ 1,30 na cidade

Pesquisa da ANP (Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis), realizada em 26 postos de Piracicaba, aponta que o preço médio do álcool hidratado (que vai direto ao motor) é de R\$ 1,30 no período de 14 de dezembro até hoje. O preço mínimo encontrado na semana na cidade é de R\$ 1,19 e o máximo é de R\$ 1,39. Segundo o Cepea (Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada) da Esalq (Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz) o preço do álcool permaneceu estável mesmo com a chegada das festividades de final de ano.

O Cepea aponta que houve leve alta, de 0,36%, de álcool hidratado na semana de 15 a 19 de dezembro em relação à semana anterior. O preço do litro deste combustível ficou em R\$ 0,7386. Já o álcool anidro teve queda de 0,28% e chegou a R\$ 0,8790 o litro em relação à semana passada. Os valores são de venda nas usinas do Estado de São Paulo para as distribuidoras, sem impostos. Segundo Paola Garcia, da área de comunicação do Cepea, a análise dos pesquisadores aponta que o resultado ocorreu devido ao equilíbrio entre a oferta e a demanda.

A proximidade do Natal não alterou as vendas do combustível. A série completa dos preços está no www.cepea.esalq.usp.br/alcool/. Na cidade, muitos consumi-

Valor do álcool hidratado teve alta de 0,36%

dores continuam sentindo necessidade de economizar e os postos de gasolina sem bandeira, por vezes, têm até filas para abastecer o carro por causa do preço baixo. De acor-

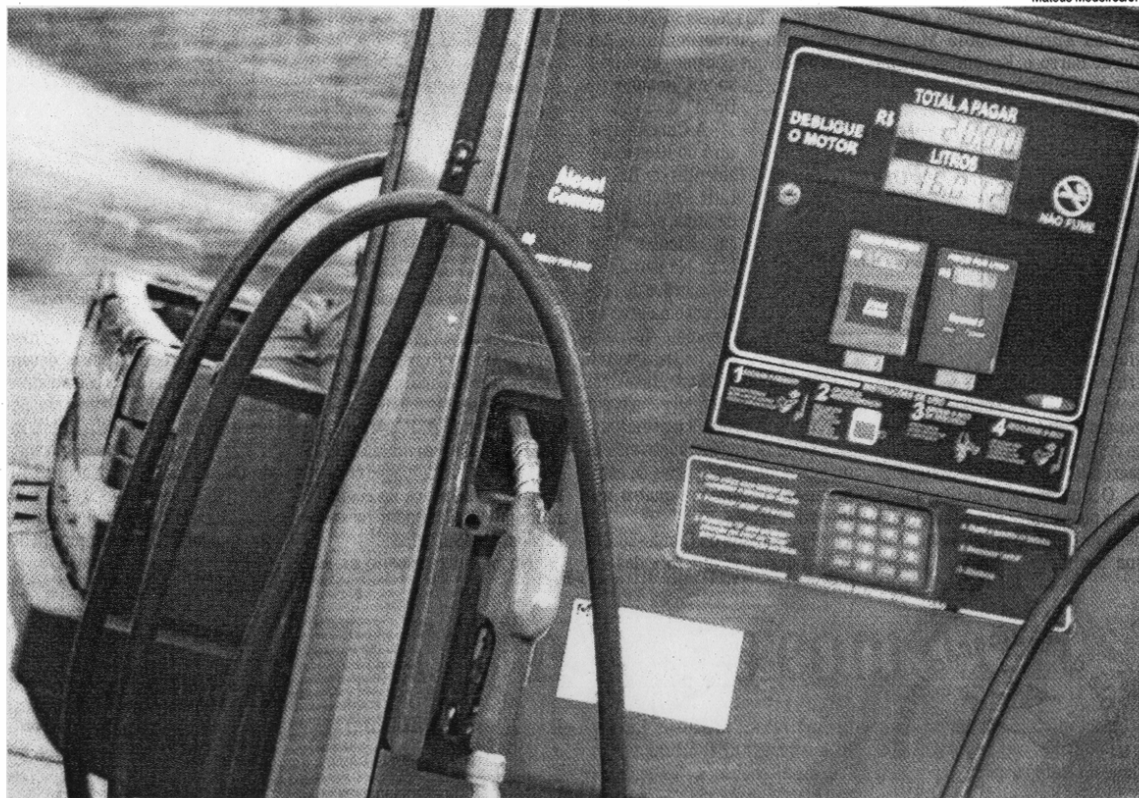
do com Augusto Prado, presidente da Brascombustível (entidade que representa os postos de combustíveis na cidade), o aumento do litro do álcool ocorreu, mas os empresários proprietários de postos de gasolina com bandeira não repassaram o aumento.

“Infelizmente a adulteração

está de volta na cidade ou os demais postos utilizam outro mecanismo para manter os preços tão baixos”, aponta Prado. Ele acredita que os valores tão pequenos podem ser resultado de um álcool de menor qualidade, adulterado, ou ainda ser procedente de carga roubada. “O consumidor brasileiro, e também o

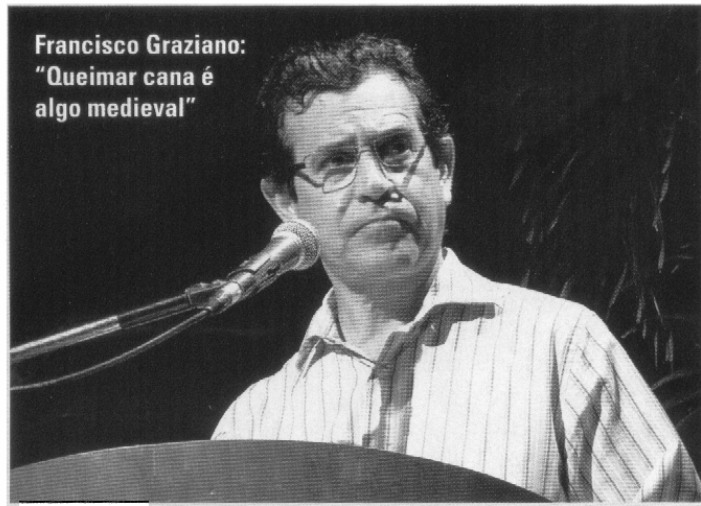
piracicabano, é o grande incentivador deste processo, pois alimenta este tipo de comercialização”, destaca o também proprietário de posto.

A decisão de comprar em um local que tenha o preço do álcool tão baixo só gera desvantagem para quem está consumindo o produto.



Mateus Medeiros/JP

Preços do álcool nos postos de combustível de Piracicaba têm variado: consumidor tem necessidade de economizar



Francisco Graziano:
"Queimar cana é
algo medieval"



Marcos Jank: "Célula
combustível pode ser viável
dentro de 20 a 25 anos"

afirma Francisco Emílio B. Nigro, professor da USP e membro do Programa de Bioenergia de São Paulo.

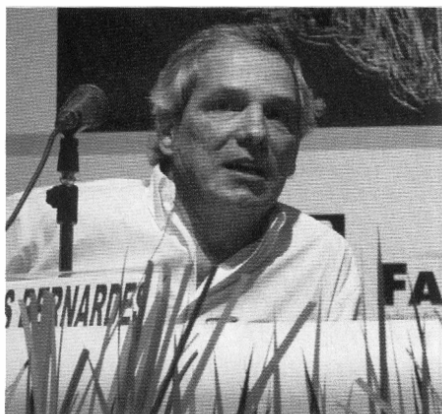
Levando-se em conta o mercado nacional, a previsão do pesquisador é mais do que plausível e confirmada pela realidade descrita pelo presidente da Unica, Marco Jank: "Hoje existem no país 10 marcas e mais de 50 modelos de veículos *flex*, detendo uma fatia de 90% dos carros novos produzidos no país e já representando 25% da frota brasileira de automóveis".

Jank lembra que algumas novidades geradas pela aplicabilidade maior do etanol no mercado interno devem aquecer e estimular o sonho de milhares de consumidores: "O ônibus movido a etanol já está em teste em São Paulo, utilizando um motor originariamente voltado para o diesel. Enquanto isso, as motos *flex* preparam sua chegada, sobretudo das montadoras Honda e Yamaha". Na área industrial, segundo ele, os bioplásticos – plásticos produzidos a partir de recursos renováveis, no caso polietileno a partir do bio-

etileno – são uma aposta para um futuro em médio prazo.

O etanol já é uma realidade nos céus brasileiros – pelo menos na aviação agrícola. O EMB-202A Ipanema, fabricado pela Indústria Aeronáutica Neiva, subsidiária da Embraer, é o primeiro avião do mundo movido a 100% álcool hidratado. O Ipanema a álcool é o modelo de linha da Neiva desde outubro de 2004, quando recebeu a certificação do Centro Técnico Aeroespacial, CTA.

Para Francisco Nigro, outras duas aplicabilidades do etanol prometem, em graus distintos, diversificar as possibilidades de abastecimento em sistemas de transporte. A primeira delas são os carros híbridos elétricos, que funcionam a partir de um conjunto de baterias que armazena energia gerada por um motor de combustão interna. A outra é a célula combustível (*fuel cell*), com baterias realimentadas continuamente por etanol. "A célula tem um custo ainda muito elevado, mas pode ser viável dentro de 20 a 25 anos; por enquanto, na verdade,



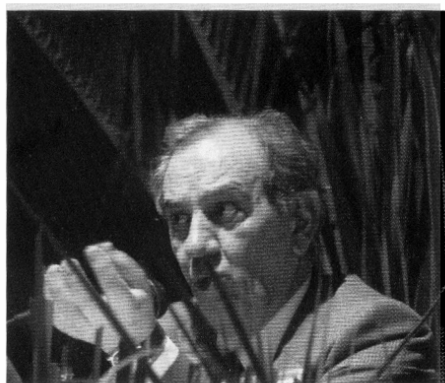
Marcos Bernardes: "Máquinas representam 39% do custo de produção no cultivo mecanizado"

temos múltiplas soluções para diferentes mercados; para a Europa entendo que a melhor opção são os carros elétricos, mas para os mercados emergentes, nossa solução, o etanol, é imbatível", opina.

Mecanização

Durante o 2º Canasul ficou patente que a mecanização do cultivo é uma tendência irreversível, em que pese alguns sérios problemas na adoção deste formato na produção de cana-de-açúcar. Entre suas desvantagens estão perdas consideráveis na colheita e o investimento elevado. De acordo com Marcos S. Bernardes, consultor de projetos de cana e seringueira da Esalq/USP, as máquinas colhedoras de cana ainda são tecnologicamente limitadas e representam 39% do custo de produção no cultivo mecanizado. "Estas máquinas só não são aperfeiçoadas pelo fato da cana ser ainda uma parcela pequena na agricultura mundial; são 700 milhões de hectares plantados com grãos contra apenas 20,4 milhões de hectares com cana em todo o planeta", justifica Bernardes.

As vantagens do cultivo mecanizado são consideráveis, de acordo com o consultor da Esalq/USP: "Há maior incorpo-



Francisco Nigro: "O automóvel flex tende a ser o carro global"

ração de material orgânico no solo, redução de emissão no ambiente, além de gerar de 10 a 30 toneladas de palha por hectare, resíduo que aperfeiçoa os efeitos da irrigação". A dúvida fica no que leva ao uso sistemático da queimada em algumas áreas de plantio. "Justamente pela falta de desenvolvimento tecnológico e número insuficiente de colheitadeiras; a queima, no caso, funciona como um método despalhador para facilitar o corte da cana", explica Bernardes.

Mas se depender da ação prática de políticas públicas, a queima está com os dias contados no maior estado produtor de cana do Brasil. Através do Projeto Etanol Verde, o governo paulista quer controlar a ampliação de áreas, conter a agressão ambiental e eliminar as queimadas. "O assanhamento da expansão de canaviais estava gerando problemas sérios e chegamos a registrar 250 ocorrências ambientais em apenas um mês; através da implantação do projeto com 10 diretivas técnicas, conseguimos tomar um novo caminho", explica o secretário de Meio Ambiente de SP, Francisco Graziano, que considera queimar cana "algo medieval".

Mesmo admitindo que a prática da queima ainda atinja dois milhões de hectares de cana em terras paulistas, o secretário garante que, a partir da implantação do projeto, a área queimada caiu 109 mil hectares com um aumento da área colhida da ordem de 540 mil hectares. Este controle está vinculado com a perspectiva de expansão da atividade. "Hoje São Paulo contabiliza 3.790.264 hectares plantados e, para 2010, a previsão é de que atinja perto de cinco milhões de hectares", revela.

Mas esta meta de expansão de área pode ser revista. O Etanol Verde começa a estudar o desenvolvimento do zoneamento ecológico e econômico da cana em São Paulo. O processo já existe em diferentes estágios em outros estados produtores, como no Mato Grosso do Sul. Para expedir a permissão da atividade, serão levados em conta aspectos como bacias críticas, declividade e o aquífero Guarani, entre outros. Este zoneamento pode significar um freio no aumento da área plantada. "Poucas áreas em São Paulo receberão novas licenças para produzir etanol", garante Graziano.

Em contrapartida, o cultivo e a industrialização da cana estão em expansão clara em Goiás e no Mato Grosso do Sul. Em terras goianas já são 27 usinas, com previsão de atingir 55 unidades até 2012. No MS,

que aumentou em 40% sua produção de álcool nos últimos 12 meses, a previsão é de que em sete anos o número de usinas pule das atuais 14 plantas industriais para um total de 31.

Sai o álcool, entra o etanol

Usar a palavra "álcool" nos postos de combustíveis pode estar com os dias contados ou, no mínimo, começar a entrar em desuso no Brasil. A Unica mantém uma campanha publicitária na mídia impressa e eletrônica até novembro com o intuito, entre outras coisas, de alterar a denominação "álcool" por "etanol". "Queremos, até o final do ano, mudar o nome em todas as bombas dos postos brasileiros", explica o presidente da entidade, Marcos Jank.

Além disso, a campanha busca mostrar a importância do etanol brasileiro – em seus vários aspectos – além de evidenciar a vantagem de preço sobre combustíveis fósseis como a gasolina. Para quebrar de vez o estigma do passado, de que o álcool corrói e diminui a vida útil dos motores de automóveis, a campanha também quer reforçar que, além de ser uma fonte de energia limpa a renovável, ele aumenta o rendimento dos motores.

Durante o 2º Canasul, Jank fez questão de salientar a queda da participação do petróleo na utilização de combustíveis no Brasil, ao mesmo tempo em que comparou a elevação dos custos finais. "Em 10 anos o preço dos alimentos cresceu, em média, 36%, e o do petróleo subiu quase 500%. Nesse mesmo período, a participação do petróleo na matriz energética brasileira caiu de 60% para 37%", conta.

Por outro lado, Jank ressalta o avanço da produtividade brasileira de etanol que, segundo ele, já duplicou em relação ao início do Proálcool. "Nossa média já é de 7 mil litros/hectare/ano e, com as novas tecnologias a serem adotadas, será possível atingir 14 mil litros/hectare", revela.

Mas alguns gargalos podem, segundo Jank, emperrar a produção brasileira. Ele se preocupa, por exemplo, com o que chama de "babel de certificações" alegando que "em 200 anos nunca se exigiu tanto do petróleo quanto se pede agora do etanol". O presidente da Unica também teme o efeito de interesses "plantados" na imprensa: "Tem muita mídia maldosa por aí querendo prejudicar nosso etanol dizendo, por exemplo, que ele vai empurrar o boi para a Amazônia! É uma guerra insana!", desabafa. ☐